

Reforma, só depois das eleições

Economista do Sudameris chama atenção para a questão da credibilidade

REALI JUNIOR
Correspondente

PARIS — Nenhuma reforma econômica terá êxito no Brasil antes das eleições presidenciais de 3 de outubro. Essa é a opinião geral nos meios financeiros europeus, afirma Jean Luc Chalumeau, economista do Banco Sudameris que acompanha negociações da dívida externa brasileira. Chama atenção para o problema de credibilidade no governo brasileiro que se apresenta aos parceiros, bancos particulares e o próprio FMI, nessa negociação. Segundo o economista, os efeitos de uso da Unidade Real de Valor até agora não são percebidos. Não há melhoras; pelo contrário, já se projetou, em março, a taxa espetacular de inflação anual de 5.000% — um espantinho para importantes áreas financeiras internacionais.

■ Enquanto o FMI hesita em concluir um acordo com o Brasil, pressionado politicamente pelos governos ocidentais, já concluiu um com a Rússia, liberando a segunda parte de um crédito stand by de US\$ 1,5 bilhão (Facilidade de Transformação Sistemática).

France Presse



Camdessus: chave do acordo



INFLAÇÃO
PODE IR A
5.000%
ANUAIS

Foi necessária uma negociação direta, em Moscou, do diretor-geral do FMI, Michel Camdessus, com o primeiro ministro Viktor Tchernomyrdine, depois de ter Moscou garantido que o orçamento seria escrupulosamente respeitado, em sólido combate à inflação. O governo russo, segundo o ministro da Economia, Alexandre

Chokhine, assumiu o compromisso de reduzir o ritmo mensal da in-

flação para 7%/8% até o final do ano, graças também à aprovação do projeto de orçamento pelo Parlamento russo. A pressão dos governos ocidentais sobre os organismos financeiros, dos EUA e dos países europeus, se deve, em grande parte, a existência de maior peso político desse país.

No caso do Brasil, todos os projetos de modernização e estabilização da economia têm entrado em choque com o Congresso, além de enfrentar interesses políticos num ano eleitoral. Essa situação e a lentidão do processo de reforma constitucional têm paralisado o Executivo em áreas essenciais — a fiscal e das relações financeiras entre a União, os Estados e os municípios.

■ A indicação de Rubens Ricúpero para a Fazenda foi bem recebida pelos meios oficiais europeus. O diplomata de carreira, experiente embaixador na Suíça e nos Estados Unidos, já acompanhava as negociações brasileiras, principalmente com o FMI e bancos privados. No Clube de Paris, mais distante de Ricúpero, não há grande preocupação, pois o diplomata Sérgio Amaral, seu chefe de gabinete, é conhecido dos dirigentes do Tesouro francês, por ter sido um dos principais negociadores brasileiros de acordos com os representantes de credores oficiais. Ricúpero é tido como bom executor para o Plano FHC2, uma opção interessante para a delicada fase política do País, mesmo não tendo cacife político para contornar eventuais obstáculos, principalmente na área parlamentar, em que Cardoso continuará atuando, pois do êxito do plano depende sua própria caminhada.